

# DOMINGO FUTEBOL EM CASABLANCA

O jogo era em Casablanca, a uns 100 quilômetros de Rabat, mas no fim da festa descobrimos que a distância moralmente é a mesma de Ipanema ao Maracanã — a distância em função do fluir e do fruir de um domingo: almoçar à 1 hora, chegar ainda a tempo de ver a maior parte da segunda fase da preliminar, estar em casa de volta ao escurecer. Gasta-se mais gasolina e menos nervo. Éramos quatro, dois brasileiros e dois chilenos.

Eu poderia ir para a tribuna de honra e ficar ao lado do Príncipe, como fizeram três outros embaixadores, mas me lembrei dos maus pensamentos de José Lins do Rêgo quando ficou ao lado do Rei da Suécia assistindo a um jogo do Fluminense — e, embora nem a honra esportiva do Brasil nem a do Marrocos estivesse em jogo, preferi comprar minha entrada e torcer mais à vontade. É meio maroto torcer para os uruguaios, os homens da maldita “celestes”, patrícios do negregado Obdulio Varela — mas o Peñarol estava jogando contra o Reims e afinal de contas nós somos América do Sul. Somos América do Sul muito mais do que sabíamos e poderíamos imaginar, foi o que esse jogo provou.

O fato é que os uruguaios estavam pesados, jogando um futebol antiquado e sem graça, atacando sempre do mesmo jeito errado — e do outro lado havia Kopa, Kopa “destilando suas astúcias” como escreveu o cronista do “Petit Marocain”, combinando com Fontaine (fora de forma, um pouco sôbre o gordo, mas sempre com muita classe), Muller e Akeshbi, êste um dos melhores marroquinos importados pelo futebol francês (foi quem meteu os dois únicos gols da tarde), dizem que o Real Madrid está de olho nêle. O Reims vencia fácil, Kopa estava cada vez mais ágil em seus *dribblings*, era natural que Cano, que tinha a desgraça de ser encarregado de o marcar, ficasse um pouco nervoso e baixasse o pé com certa rispidez... Futebol não é um jogo de mções, não é verdade?

O mal foi eu não ficar na *pelouse* onde a torcida prefere falar árabe; aqui, nesta bancada coberta e numerada, todo mundo é francês — *joli! joli!* gritam êles quando gostam de uma jogada, o que dá para irritar um pouco no começo e, no fim, acaba enchendo, por vários motivos, tais como: êles, ou pelo menos dois dentre êles, que estavam sentados atrás de nós, têm uma tendência para achar *joli* o jogo do francês; além disso o diabo é que os uruguaios não faziam mesmo nada de *joli*; sem falar em que *joli*, como todo mundo sabe, é nome de cachorro pequeno. *Joli! Joli!* Era Akeshbi fazendo tabelinha com um outro que não sei o nome; era Kopa novamente fingindo que ia passar para a esquerda, depois retendo a bola com um gracioso toque de pé, depois passando para a esquerda mesmo, enquanto três uruguaios se precipitavam quais mondrongos na direção oposta... *Joli!*

Quando um francês deu uma furada o meu amigo chileno gritou, imitando a voz do francês atrás de nós — *joli! joli!* O outro não pareceu entender, mas o chileno o convidou aos gritos a gritar também. Por que não gritava mais *joli*? Foi aí que pela segunda ou terceira vez o mau caráter do Cano baixou a pata mesmo em Kopa, sem bola nem nada. Urros de protesto e vaias da assistência. Nós, moita. Então o torcedor francês mais chato, o *joli*, começou a gritar que aquêles sujeitos eram uns selvagens — “voltem para sua floresta, seus antropófagos, voltem para suas plantações de borracha, bárbaros da América do Sul”, coisas assim.

Eu, moita; o chileno, bufando.

“É assim que são os campeões de futebol? gritava o *joli*, são é açougueiros, assassinos, bárbaros!”

Aquela alusão aos campeões podia ser com o Brasil, mas também podia ser com o campeonato de clubes que o Peñarol venceu; o certo é que o chileno deu o teco. Disse alto que os franceses precisavam perder essa mania de achar que só francês é que presta e os outros são uns selvagens; que futebol não é jogo para maricas — e outras coisas. Ao que uma senhora ao meu lado disse que não se tratava disso, tanto que Kopa nem era francês; e o *joli* começou a gritar que sim, os sul-americanos são bárbaros, não era a primeira vez que os via jogar. A essa altura meu amigo chileno já estava de pé, aos brados, dizendo que era por causa dessa burrice que os franceses tinham sido postos para fora do Marrocos, da Indochina, como agora vão ter de sair da Argélia... Houve gritos vários, protestos e aplausos que a taquigrafia não registrou, e a certa altura o chileno se lembrou de dizer que aquêle cavalheiro ali presente — eu — era Embaixador do Brasil e merecia ser tratado com respeito, pois bárbaro é o povo que trata mal diplomatas etc. etc.

Senti vontade de me afundar na bancada, mas verifiquei que esta era de cimento armado. Procurei fazer, tanto quanto possível, cara de embaixador. Pessoas olhavam-me. O *joli* encabulou um pouco e disse que de qualquer modo dar patadas não era jogar futebol. Surgiu uma questão sôbre quem jogava e não jogava futebol, eu querendo acalmar o chileno, o amigo do *joli* fazendo provocações, a senhora dando gritinhos enquanto que o homem que estava a seu lado tentava silenciá-la, afinal gritei — que futebol, isso nós, brasileiros, nós o jogamos, nós o jogamos, ah, seguramente, isso nós fazemos! Gritei isso em francês, com gestos tão violentos em direção ao *joli* que era evidente que éramos também campeões de tapa na cara; parti meio às cegas para cima do homem, aí foi o chileno que me agarrou e me aplacou, a mim pai de Pelé, tio de Garrincha, primo de Didi, irmão de Nilton Santos, defendendo a honra da minha família de plantadores de *caoutchouc*... Bem, o moral da história é que embaixador não deve ir a jogo de futebol, esta é que é a verdade.